



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I- CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

RAISA KARINA SILVA TRAJANO

**A AUTOCOMPENSAÇÃO NOS CASOS DE *CUTTING* EM ADOLESCENTES: UMA
“HÁ DOR LER ESSÊNCIA” INSCRITA NO REAL DO CORPO**

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

RAISA KARINA SILVA TRAJANO

**A AUTOCOMPENSAÇÃO NOS CASOS DE *CUTTING* EM ADOLESCENTES: UMA
“HÁ DOR LER ESSÊNCIA” INSCRITA NO REAL DO CORPO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento De Psicologia
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto.

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

T768a Trajano, Raisa Karina Silva.

A autocompensação nos casos de *cutting* em adolescentes [manuscrito] : uma "há dor ler essência" inscrita no real do corpo / Raisa Karina Silva Trajano. - 2021.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto , Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Cutting. 2. Adolescência. 3. Psicanálise. I. Título

21. ed. CDD 150.195

RAISA KARINA SILVA TRAJANO

A AUTOCOMPENSAÇÃO NOS CASOS DE *CUTTING* EM ADOLESCENTES: UMA
“HÁ DOR LER ESSÊNCIA” INSCRITA NO REAL DO CORPO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao departamento do Curso de
Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 25/05/2021.

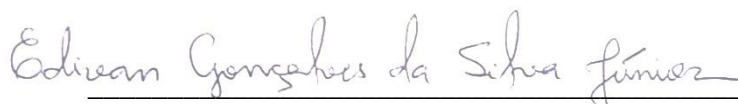
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Raíma Belarmino Souto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico, primeiramente, a Deus e à Nossa Senhora, que me deram forças para enfrentar as agruras do caminho. Aos meus pais, por todo o suporte, tanto afetivo quanto material. Aos meus amigos, pela parceria e convivência diária, que serviram de alento aos momentos difíceis. E aos professores, com os quais tive a honra de partilhar experiências que muito contribuíram para minha construção profissional, bem como pessoal.

*Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
Estão paralisados, mas não há desespero,
Há calma e frescura na superfície inata.*
(Procura da poesia- Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	REFERENCIAL TEÓRICO	09
2.1	Adolescência: O “rito de passagem”	09
2.1.1	<i>Identificação na adolescência</i>	11
2.1.2	<i>A adolescência e o corpo</i>	13
2.2.	Considerações sobre os corpos	16
2.2.1.	<i>Construção sócio-histórica sobre os corpos</i>	16
2.2.2.	<i>O acontecimento de corpo</i>	17
2.2.3.	<i>O corpo: uma via ao inconsciente</i>	18
2.3.	Automutilação no sujeito adolescente	21
2.3.1.	<i>Cutting: um ato de alívio</i>	21
2.3.2.	<i>Os cortes “em cena”</i>	24
3.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28

**A AUTOCOMPENSAÇÃO NOS CASOS DE *CUTTING* EM ADOLESCENTES: UMA
“HÁ DOR LER ESSÊNCIA” INSCRITA NO REAL DO CORPO**

**SELF-COMPENSATION IN *CUTTING* CASES IN ADOLESCENTS: A “THERE IS
PAIN READING ESSENCE” INSCRIBED IN THE BODY’S REAL**

Raisa Karina Silva Trajano*

Raisa Karina Silva Trajano**

RESUMO

A adolescência, enquanto uma construção social, corresponde a um significante dado pelo Outro para nomear o período da puberdade, marcado pela transição de um sujeito infantil para um sujeito adulto. Nessa fase, o jovem vivencia inúmeras transformações de ordem tanto biológica, quanto psicológica, em meio aos diversos discursos que o atravessam. O aumento no número de casos de violência autoinfligida em adolescentes, devido ao atual período de isolamento social, suscita a necessidade de abordar a temática da automutilação. Principalmente por se tratar de um período tão crucial e singular no processo de constituição de cada sujeito. Este artigo, toma por base a psicanálise de orientação Freud-lacanianana, bem como autores contemporâneos do campo psicanalítico. Por meio deste estudo, visa-se promover um diálogo entre a psicanálise e os aspectos que permeiam a automutilação em adolescentes, mais especificamente a prática do *cutting*. A partir deste estudo, observou-se que a prática dos cortes sobre a pele, sobretudo, tem a função de solução singular àquilo que não é colocado em palavras, caracterizando uma escrita inscrita no corpo do adolescente. Dessa forma, apontou para as alternativas, singulares, construídas a partir do uso da palavra, que possibilitem ao jovem amarrações simbólicas, que favoreçam o uso e preservação do corpo, desvinculando-o da adoção de práticas autolesivas. Estima-se que novos estudos e pesquisas deem continuidade à discussão levantada neste trabalho.

Palavras-chave: *Cutting*. Adolescência. Psicanálise.

ABSTRACT

Adolescence, as a social construction, corresponds to a signifier given by the Other to name the period of puberty, marked by the transition from a child subject to an adult subject. In this phase, the young person experiences countless transformations of a biological, as well as a psychological order, in the midst of the various discourses that go through them. The increase in the number of cases of self-inflicted violence in adolescents, due to the current period of social isolation, raises the need to address the issue of self-mutilation. Mainly because it is such a crucial and singular period in the constitution process of each subject. This article is

* Graduanda em Psicologia pela UEPB. E-mail: raisatrajano01@gmail.com.

**Graduated in Psychology at UEPB. Email: raisatrajano01@gmail.com

based on psychoanalysis with a Freud-Lacanian orientation, as well as contemporary authors from the psychoanalytic field. Through this study, we aim to promote a dialogue between psychoanalysis and the aspects that permeate self-mutilation in adolescents, more specifically the practice of cutting. From this study, it was observed that the practice of cuts on the skin, above all, has the function of a singular solution to what is not put into words, characterizing a writing inscribed on the adolescent's body. In this way, he pointed to the unique alternatives, built from the use of the word, that allow the young symbolic ties, that favor the use and preservation of the body, disconnecting him from the adoption of self-injurious practices. It is estimated that new studies and research will continue the discussion raised in this work.

Keywords: Cutting. Adolescence. Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

As constantes e intensas modificações que fazem parte da vida cotidiana contemporânea, tornam rapidamente obsoletos e descartáveis produtos, marcas, comportamentos e, por conseguinte, corpos humanos. Isso imprime nos sujeitos determinados modos de agir e pensar, modulando as relações interpessoais, bem como a forma com que os sujeitos tratam seus corpos.

O sofrimento pertence à estrutura humana, instaurado a partir do encontro original com a linguagem, marcado por uma perda irreparável. A fim de lidar com o sofrimento, o sujeito faz uso de amarrações ou suplências que possam sustentar o seu ser e estar no mundo.

Formações sintomáticas, das quais o sujeito estruturado na neurose faz uso, condizem com uma conduta compensatória de satisfação indireta de um desejo reprimido. Neste caso, os sintomas se colocam como uma mensagem endereçada ao Outro, cujo mensageiro será o corpo atravessado pela linguagem em sua constante constituição.

Para Calazans; Marçal (2011, p.79), o fantasma é um modo de contornar uma falta constitutiva, na medida em que articula “os três registros- simbólico, imaginário e real- no tratamento do objeto da angústia”. Ao tomar o sintoma como uma resposta do sujeito frente ao vacilo do fantasma, esse entendimento pode ser estendido ao *acting-out* e a passagem ao ato como outras modalidades de resposta (CALAZANS; MARÇAL, 2011).

Barros (2016) ressalta que, na adolescência, a partir do momento em que há uma desestabilização do equilíbrio sintomático construído na infância, há a formação da angústia. Para escapar dela, novos sintomas são formados, “onde prevalece a fixação em um modo de gozo diante da precariedade dos recursos fantasmáticos” (p.06). O que confere ao sintoma não só a função de apelo ao Outro, como também de um modo de gozo.

De acordo com Lacadée (2007, p.08) “o distúrbio de conduta do sujeito é uma resposta frente à insegurança linguageira que enrijece desde seu encontro com o buraco da significação da língua, que o confronta a um impossível a dizer”. Em meio a um sofrimento indizível, que o impossibilita de controlar seu corpo, o sujeito adolescente pode realizar a “prática de incisões para tentar encontrar um limite nas marcas de seu corpo” (p.09). Nesse ato, há um imperativo de gozo que direciona o sujeito a agir contra si mesmo, por vezes colocando em risco sua própria vida.

Segundo Dinamarco (2011), a automutilação corresponde a um ato de agressão direcionado ao próprio corpo, que pode ocorrer de diversas formas. O ato de desferir agressão física contra si próprio, queimar-se com cigarro, arrancar os cabelos, ou, até mesmo, fazer pequenos cortes na pele, o chamado *cutting*, são exemplos de práticas autolesivas.

Considerada como uma fase de inúmeras transformações de cunho pessoal, psíquico, orgânico e social, a adolescência pode ser entendida sob um olhar psicanalítico

como “um luto de um corpo infantil, que estava carregado de desejos, de histórias, de narrativas; e que vai ser substituído por um outro corpo, ainda indeterminado” (DUNKER, 2017). Tais transformações inclinam-se para a instauração da angústia nos sujeitos, que, associada à dificuldade de simbolização relacionada ao momento da puberdade, resultam na tendência a agir, externalizando em ato aquilo que não conseguem em palavras (ZANOTTI, 2016).

Contrariamente ao que se possa pensar, na automutilação os autores não buscam obter prazer por meio de uma dor física. A prática surge para o adolescente como reflexo de uma incapacidade de lidar com seus próprios sentimentos, a exemplo de angústias, medos, tristezas e conflitos. Questões ligadas à baixa autoestima, problemas em socialização e afirmação junto aos seus pares, também se inscrevem como fatores que reforçam a conduta dos cortes. Isto faz com que os adolescentes vejam, nesta prática, a saída mais rápida para aliviar a intensificação da sensação de mal-estar, arriscando o próprio corpo como canal de comunicação do sofrimento sentido. Nesse jogo, há o câmbio da dor emocional pela dor física.

Considerada uma das consequências psicológicas promovidas pelo atual período de pandemia da Covid-19¹, conforme aponta um estudo publicado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 2020, ao longo do período de isolamento social, os relatos de violência autoinfligida entre adolescentes resultantes em automutilação vem se tornando cada vez mais constantes. Logo, a temática da automutilação se configura como algo a ser abordado, sobretudo, por ter uma incidência de casos na fase adolescente, um período tão crucial e singular no processo de constituição de cada sujeito.

Para além da obtenção de uma dor que imprime marcas no corpo do sujeito, o *cutting* surge como um sintoma, que, para a psicanálise, evidencia “não a verdade da doença, mas a verdade do sujeito do inconsciente, pois busca apreender no sintoma o desejo inconsciente indestrutível” (DIAS, 2006, p.403). O *cutting*, enquanto um sintoma, carrega consigo uma verdade. Esta construída em consonância à história de vida daquele que pratica a automutilação e que, ao mesmo tempo, deixa o sujeito vulnerável a traumas oriundos do seu passado, mais precisamente, sua infância.

O sintoma, para a psicanálise, diz respeito a uma construção subjetiva, que busca obter a satisfação de desejos reprimidos no inconsciente. Para Lacan (1957-58 /1999, p. 421), há uma relação paradoxal nas formações sintomáticas, visto que porta um sofrimento e uma satisfação, esta apontada como uma “satisfação às avessas”. Ao que a concepção freudiana sobre os sintomas ressalta como um tirar proveito do sintoma, um ganho secundário.

Quando o sujeito possui dificuldades em construir amarrações simbólicas que lhe permitam traduzir seu sofrimento, ele se coloca em cena para uma atuação, advém, então, o *acting-out*. Este se mostra ao Outro, pede interpretação, vindo a se configurar como um apelo a esse Outro (LACAN,1962-1963/2005).

A adolescência marca um período de transição entre uma imagem corpórea infantil e uma imagem corpórea adulta. Um corpo infantil que, atravessado pela linguagem, foi marcado por desejos e investimentos de um Outro, inscrevendo nesse corpo narrativas que lhe demarcaram como tal. Agora, esse mesmo corpo se depara com o real, em meio às mudanças que lhe ocorrem e ao encontro com o Outro sexo. Neste momento, o púbere recorre ao ato.

¹ Corresponde a uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, classificada como potencialmente grave e de elevada transmissibilidade. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus encontrado em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Nos primeiros meses de 2020, atingiu dimensão global, passando a ser classificada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) como pandemia (BRASIL, 2020).

Isto posto, pode-se levantar as seguintes provocações: O que busca comunicar os adolescentes que praticam o *cutting*? O que a Psicanálise tem a dizer sobre a prática da automutilação em adolescentes?

O presente artigo trata de um estudo de revisão bibliográfica orientado pela psicanálise freud-laciana, bem como de autores contemporâneos do campo psicanalítico. A “psicanálise se define não apenas por uma condição terapêutica, mas também como um procedimento de investigação dos processos inconscientes que inaugura um novo campo de conhecimento, afirmando-se também enquanto ciência” (COSTA, MOREIRA, OLIVEIRA, 2018, p.122). E considerando o aforismo laciano, de que “o analista precisa estar atento às subjetividades de sua época”, contextualizar a temática da automutilação na adolescência junto ao atual período sócio-histórico sustenta a importância de analisar as formações sintomáticas constituídas na atual conjuntura social.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo principal trabalhar a temática dos cortes auto infligidos por adolescentes sobre a pele. Para tanto, serão abordados os seguintes pontos: a adolescência enquanto travessia entre a infância e a vida adulta e suas implicações; considerações sobre o corpo referentes tanto ao seu atravessamento pela linguagem, quanto como via de acesso ao inconsciente; e, por fim, a automutilação como uma tentativa de inscrever o que não consegue ser dito.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Adolescência: O “rito de passagem”

Segundo Feldman; Papalia (2013), a fase adolescente corresponde a uma construção social, que coincide com um período de transição entre a infância e a vida adulta. Essa transição porta uma série de modificações, que coincidem a um de rito de passagem, marcando uma verdadeira transformação de um sujeito infantil para um sujeito adulto. Ao final desta travessia, o sujeito se apresenta ao social através da imagem modificada de um corpo de criança a um corpo maduro, completamente desenvolvido em seu aspecto biológico.

Os corpos dos adolescentes por muito tempo foram admitidos pelo social, tomados pelo coletivo e tratados comunitariamente. As sociedades tradicionais, por exemplo, concebiam a adolescência por meio de rituais de iniciação realizados sobre esses corpos em formação. Marinho (2016) destaca que os corpos dos jovens eram tomados pelo coletivo e submetidos a provas físicas dolorosas, marcações e alterações, ao mesmo tempo em que havia a transmissão de valores, bem como os modos de se portar enquanto homem ou mulher.

A sociedade bem como seus padrões culturais participavam da constituição dos corpos e o modo de admiti-los, contemplando-os sob a égide de suas tradições, que o inseriam no comunitário. Acerca da influência do social sobre os sujeitos, Lacadée (2011-2012, p. 253) afirma que “a adolescência é, antes de tudo, um significante do Outro, que, desde o final do século XIX, serve para designar esse momento particular da vida, que resulta de um tempo lógico próprio a cada um”.

Na contemporaneidade, o adolescente ocidental vivencia o declínio da função paterna, o que coloca em pauta a continuidade de uma autoridade legítima. O Nome-do-Pai, o protagonista da função paterna, “é o Outro que pode reconhecer o valor da invenção, aceitar com um sim o nome, o projeto, o ideal e inclusive o sintoma pelos quais o sujeito se singulariza” (LACADÉE, 2011, p.81). Ao que Lacan pluraliza como Nomes do Pai, destacando sua importância aos sujeitos quanto a se localizarem na lógica dos semblantes,

assim como na constituição dos ideais, por meio dos processos de identificação (LACADÉE, 2011).

Castro; Lima; Melo (2011) afirmam que, na modernidade, o laço social era guiado por um eixo vertical, cuja organização familiar se dava em torno do pai, que detinha o “saber” para conduzir seus membros. Isto promovia uma estrutura familiar em formato piramidal, contendo um ápice ideal apropriado pelo mestre. A partir do advento da globalização, o saber que antes estava condensado em uma única figura, passa a ser pulverizado e distribuído em diversas modalidades de conhecimento. O que fez com que houvesse “um declínio da imago paterna e das referências universais de identificação” (CASTRO; LIMA; MELO, 2011, p. 32).

De acordo com Marinho (2016), a partir do declínio da tradição, da imago social do pai, da vida pública e coletiva dos dias atuais, o sujeito adolescente é colocado em um ambiente ausente de referências diretas e impositivas acerca de como proceder com seu corpo e sua vida. Explicações sobre as novas experiências que excedem seu corpo e pensamento são apresentadas de maneira múltipla e diversificada ao jovem, destituídas de um único referencial de saber que oriente o sujeito. Tudo isso faz com que o adolescente se perceba sozinho, imerso em uma estrutura física, que, mesmo que digam ser dele, sente como se lhe fosse estranho.

A puberdade marca a série de transformações psíquicas, biológicas e físicas que envolvem o sujeito. Como exemplo, nas meninas, há o desenvolvimento das glândulas mamárias e a menarca; enquanto, nos meninos, o crescimento de pelos no rosto e as variações no tom de voz. Sinais de que o corpo infantil está em processo de modificação. As questões sociais atreladas a esses fatores interagem para a constituição de um sujeito adulto, influenciando fortemente seu comportamento junto às suas relações intra e interpessoais (FELDMAN; PAPALIA, 2013).

A organização psíquica do sujeito, na adolescência, é formada por intermédio da articulação entre os processos grupais e sociais. Em consonância a esses fatores, Freud, em *O mal-estar na cultura (1930/2020)*, aponta que existem três fatores que impedem ao sujeito o alcance à felicidade, são eles: o próprio corpo; a natureza, correspondendo à relação com o mundo; e as relações interpessoais. A cultura surge como:

a soma total das realizações e dos dispositivos através dos quais a nossa vida se distancia da de nossos antepassados animais e que servem a duas finalidades: a proteção do ser humano contra a natureza e a regulamentação das relações dos seres humanos entre si (FREUD 1930/ 2020, p.337).

O trabalho da cultura funda na espécie humana uma renúncia à satisfação pulsional. A sensação de mal-estar advém como substrato subjetivo em consequência ao impeditivo à felicidade, uma vez que exige estratégias de preservação, que economizem o desprazer e o sofrimento. Ora, estar vivo inserido em uma cultura impõe ao sujeito muitas dificuldades, ancoradas em "muitas dores, desilusões, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos prescindir de medidas paliativas" (FREUD 1930/ 2020, p. 318). Logo, a fim de diminuir a sensação de desprazer e de ausência de felicidade, satisfações substitutivas são adotadas.

Segundo Lacadée (2011, p.19), “a adolescência é um momento de transição em que se opera uma desconexão no sujeito entre seu ser de criança e seu ser de homem ou de mulher. Nela está implicada uma escolha decisiva, que inclui a dimensão inédita de um ato”. Desta forma, o púbere busca “uma saída significativa para nomear sua parte de indizível, para

suportar o vazio de significação que lhe descortina nesse tempo da adolescência” (CASTRO; LIMA; MELO, 2011, p.36).

Por se tratar de uma fase, na qual seus sujeitos expressam em atos o que não conseguem colocar em palavras, na adolescência os sintomas surgem como a forma mais utilizada ou assertiva que o jovem encontra para se comunicar com o Outro. Pelo fato de não conseguir dar vazão à via simbólica, o adolescente se coloca em risco. Para Lacadée (2011, p. 60) “por meio do pôr-se em risco, algo do gozo do corpo pede para ser limitado, marcado, regulado, autenticado, por uma marca simbólica, haja vista a ordem da castração ter deixado de operar”. O que promove a construção de fronteiras, bordas, a esse corpo, ao mesmo tempo em que “pede para ser ouvido em sua dimensão de sofrimento, de apelo, de invenção e de vida” (LACADÉE, 2011, p.60).

2.1.1. Identificação na adolescência

Miller (2016) elenca três fatores constituintes à puberdade, quais sejam: a saída da infância, a diferença dos sexos e a imiscuição do adulto na criança, isto é uma antecipação da posição adulta na criança. Atrelado a esses fatores, há uma procrastinação, um prolongamento da adolescência e as mutações da ordem simbólica, com destaque para o declínio do patriarcado e a destituição da tradição (MILLER, 2016).

A produção teórica freudiana a respeito da puberdade elenca três pontos norteadores a compreensão desse período. Estes pontos estão listados como: a importância fundamental dos aspectos orgânicos na determinação nas questões psíquicas, o caráter delicado e complexo dessa fase e o papel essencial da fantasia inconsciente, intrinsecamente relacionada aos processos sublimatórios e à pulsão epistemológica (VIOLA; VORCARO, 2015).

Freud (1905/1996 apud VIOLA; VORCARO, 2015) postula que a sexualidade humana é instituída em dois tempos específicos. O primeiro tempo é marcado pelo domínio das pulsões parciais, a vivência do autoerotismo e do complexo de Édipo pela criança. No segundo, há a preponderância do despertar da pulsão sexual “que revigora sobre o jovem púbere, recém-saído da infância, às voltas com um corpo estranho, acometido pela libido de uma nova maneira” (VIOLA; VORCARO, 2015, p. 63).

O período de latência representa o momento de hibernação da pulsão sexual, estando entre os dois tempos da sexualidade apontados por Freud. Esse período aponta para uma função fundamental à constituição do sujeito, visto que:

na latência não apenas se processa a sublimação, com o desvio da pulsão para fins `mais elevados`, que Freud relaciona aos mais diversos saberes, manifestos, necessários à civilização, como também se fortalece a fantasia, que pode ser pensada como uma formulação de saber, um saber a respeito do objeto, um saber latente sobre o gozo (VIOLA; VORCARO, 2015, p. 64).

A latência e a fantasia possuem uma íntima relação. O objeto que, na latência, não chega a entrar em cena para o sujeito, na fantasia, ele é protagonista. Por outro lado, toda a riqueza sublimatória que acompanha e caracteriza a latência é impulsionada pela fantasia, na encenação do objeto (VIOLA; VORCARO, 2015).

Segundo Miller (2016) o momento puberal é um momento em que, o narcisismo se reconfigura. Ao introduzir o conceito de narcisismo, em 1914, Freud abre espaço para o debate acerca do investimento libidinal voltado ao próprio sujeito, entendido como narcisismo primário. Nele, os pais atribuem à criança todas as perfeições, ocultando todos os seus defeitos, colocando-a no status de "*his majesty the baby*" (FREUD 1914/ 2010, p.37), ou seja, sua majestade o bebê, repleta de qualidades e que deve ter seus desejos realizados.

Posteriormente, em um segundo momento, a libido pode, ainda, circular entre o sujeito e os objetos, marcando o chamado narcisismo secundário.

O *eu ideal* e o *ideal do eu* surgem como efeitos da identificação narcísica. Ao *eu ideal* "dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância" (FREUD 1914/2010, p.40). Portanto, é através do *eu ideal*, que o sujeito se vê como dotado de toda aquela perfeição que possuía no período infantil. O *ideal do eu* surge à medida que a psique busca não renunciar uma satisfação que fora outrora desfrutada:

Ele (indivíduo) não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pode mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal (FREUD 1914/2010, p.40).

À formação do ideal do eu há a consciência moral, pactuada por meio da influência crítica dos pais, que atravessaram o sujeito infantil por intermédio da voz, bem como de todos os significantes que carregam consigo. À medida que o tempo passa, o discurso dos educadores, amigos, mídias digitais e todos aqueles que compõem o meio social do sujeito foram articulados à construção de sua consciência moral.

Ainda relacionado ao processo de identificação, Lacan (1966/1998) elabora o conceito teórico do estágio do espelho como participante da formação do *eu*. Seguindo esta via:

O *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação- e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imago despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica- e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1966/1998, p.100).

Este corpo despedaçado aparece no plano intangível, como nos sonhos, quando o movimento de análise toca em algum nível de desintegração agressiva do indivíduo. Ou pode se revelar de forma tangível no plano orgânico "nas linhas de fragilização que definem a anatomia fantástica, manifesta nos sintomas de esquite ou de espasmo da histeria" (LACAN, 1966/1998, p.101).

No estágio do espelho, há a passagem do *eu* especular para o *eu* social. Uma vez que o momento de conclusão do estágio do espelho "inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...), a dialética que desde então liga o *eu* a situações socialmente elaboradas" (LACAN, 1966/1998, p.101). Estabelecendo um correlato à teoria freudiana, há a passagem do *eu ideal* ao *ideal do eu*.

Miller (1998 apud CASTRO; LIMA; MELO, 2011, p.33) destaca o caráter de laço social veiculado ao conceito de identificação. O processo de identificação surge como fundante do psiquismo na constituição do sujeito, contribuindo à sua interlocução entre família e meio no qual está inserido. Por meio da identificação o adolescente consegue fazer laço social com seus pares, ao ser atravessado pela linguagem, à medida que é inserido no campo do discurso do Outro, se alienando a ele e dele tomando seus significantes primordiais, que conduzirão seu percurso de vida.

A identificação propicia ao sujeito a elaboração de uma representação de si mesmo, que é oriunda do campo do Outro, resultante de um entrelaçamento inaugural com o Outro, de maneira que, é a partir da identificação que a subjetividade é estruturada e o laço social é alicerçado. À princípio, a primeira fonte de identificação da criança é o pai, colocado na posição de ideal, um pai mítico, inscrito no real. A segunda fonte de identificação é ao traço.

De acordo com Castro; Lima; Melo (2011, p. 25) “o sujeito se constitui via identificação ao traço unário do objeto perdido, quando então o objeto é erigido e restabelecido no sujeito. As propriedades do objeto assumidas pelo eu são reduzidas a um traço”. A identificação “marca a relação desse traço com o ideal do eu. O S1 é o significante tomado do Outro como ideal” (CASTRO; LIMA; MELO, 2011, p.26).

Ao longo da adolescência, o jovem é impulsionado a buscar novas identificações, visto que, nesse período, “o sujeito experimenta uma dificuldade em situar-se no discurso que até então dava a ele uma ideia de si mesmo” (LACADÉE, 2011, p.33). Logo, o desprendimento da autoridade dos pais, que vigorava desde a infância, funda uma oposição entre as gerações, importante à inserção social. O que pode fazer com que o adolescente passe a ter o discurso do Outro social como norteador de sua relação consigo, bem como o modo como enxerga seu corpo e a si mesmo no meio ao qual está inserido.

Apesar dessa busca por identificação, Viola; Vorcaro (2015) advertem a escassez de ideais simbólicos disponíveis para os adolescentes se identificarem, em razão da crise de referenciais da atualidade. Em meio a esse vazio, “muitos ficam à deriva, e acabam encontrando `saídas` problemáticas, soluções provisórias e precárias” (VIOLA; VORCARO, 2015, p. 68).

Acerca do *ideal do eu*, Quinet (1991/2019) aponta que há um desconhecimento, por parte do sujeito, quanto a sua falta-a-ser escamoteada pelo ideal, em meio à ausência de significantes que digam o que ele é. A adolescência se configura, do ponto de vista social, como um período no qual o sujeito é atravessado por inúmeros significantes que tendem a enquadrá-lo em idealizações e expectativas. Excitando seu corpo no campo da linguagem, o social demarca este corpo como gozável a um Outro, que busca exercer sua onipotência sobre ele. Concomitante a isso, há um adolescente que visa estabelecer identificações com seus pares, a fim de compreender seu ser e estar no mundo.

Nesse momento, o narcisismo do adolescente se encontra maculado, ansiando por uma reorganização e restabelecimento do *eu ideal*, quando, como bebê majestade, era o centro das perfeições e do amor do Outro. Portanto, é estabelecido ao sujeito adolescente um conflito oriundo das dissonâncias da passagem entre a imagem de um novo corpo adulto a desabrochar e a imagem de seu corpo infantil, já tão habitual; e de um *ideal do eu*, que escamoteia sua falta-a-ser e o impulsiona na busca por identificações. A dor que irrompe desse conflito não consegue encontrar vazão a não ser pela via da atuação, explicitada pelos cortes efetivados na pele, os quais se apresentam como "um enigma, e, como todo enigma, pleno de sentido" (QUINET 1991/2019, p.53), à espera de um observador atento a interpretá-lo.

2.1.2 A adolescência e o corpo

A adolescência pode ser entendida como um momento de transição em que se coloca uma separação no sujeito entre seu ser de criança e seu ser enquanto homem ou mulher. Nessa fase, está envolvida uma escolha decisiva, que compreende a dimensão excepcional de um ato. As crises de identidade que compõem essa fase muito dizem respeito da incessante busca do adolescente pelo seu objeto de desejo. Nessas crises de identidade, que traduzem as crises de desejo, o jovem atua como forma de inscrever a parte real ligada ao objeto “a” (LACADÉE, 2011-2012, p.19).

Na puberdade, há o advento de uma imagem corpórea em transição, o que permite entender essa fase como portadora de uma espécie de luto a um corpo infantil, que estava repleto de desejos, de histórias, de narrativas. Este corpo infantil será substituído por um outro corpo, corpo este ainda indeterminado e que é parcialmente inventado, não só na sua imagem, mas também na sua constituição em seu ser e estar no mundo.

O luto de tal corpo ocorre de forma subjetiva e atravessada por um simbólico que se inscreve no campo cultural, do qual esse corpo faz parte. Freud (1917/2019), aponta que o luto é uma reação frente à perda, seja de algo concreto, a exemplo de uma pessoa querida; seja de uma abstração, assim como um ideal. Ainda acrescenta que "nunca nos ocorre considerar o luto como um estado patológico (...). Confiamos de que ele terá sido superado depois de certo tempo (...)" (FREUD 1917/2019, p.100). Dessa forma, o luto corresponde a um processo decorrente de uma perda, que deverá ser vivenciado, para, posteriormente, ser ressignificado, a fim de que a libido possa ser reinvestida em outros objetos.

O trabalho do luto consiste no fato de que "o objeto amado já não existe mais e decreta a exigência de que toda libido seja retirada de suas ligações com esse objeto" (FREUD 1917/2019, p.101). No decorrer da puberdade, o corpo vai apresentando sinais que denotam a transformação dos elementos que o compunham até então, em um processo de luto de um corpo infantil a um corpo adulto. Tanto nos meninos quanto nas meninas, esses corpos, em processo de metamorfose, são lotados por experiências sensoriais das mais diversas. As sensações de prazer, o primeiro orgasmo, o primeiro toque, tudo isso possui a tendência de provocar prazer ou desprazer. A puberdade, tanto para Freud como para Lacan, corresponde a uma escanção sexual, no desenvolvimento, na história da sexualidade (MILLER, 2016).

O luto é um processo. E, como tal, é permeado por início, meio e fim. Entretanto, sua finalização é dada aos poucos em detrimento de grande consumo de tempo e de energia de investimento psíquico, uma vez que a "existência do objeto é psiquicamente prolongada" (FREUD 1917/2019, p.101). Isto faz com que dificilmente o sujeito consiga se libertar do investimento libidinal que colocara sobre seu objeto de amor perdido. Quando o investimento libidinal, que antes circundava o objeto que fora perdido, retorna para o sujeito, "o Eu se torna novamente livre e desimpedido" para poder reinvestir sua libido no meio externo novamente (FREUD 1917/2019).

Uma vez atravessada pela via simbólica, marcada pela linguagem, entreposto pela cultura, que, por sua vez, é liderada por um social historicamente construído, esse corpo se converte em uma via de mão-dupla. Pois, ao mesmo tempo em que comporta um sofrimento, protagoniza sua dor em ato, em meio a um palco, cuja plateia é formada por um ser em especial, aquele ao qual a mensagem é endereçada: o Outro.

É por intermédio do corpo que o sujeito sustenta o vazio do seu ser, como um depositário da linguagem, gravado nos três registros apresentados por Lacan, quais sejam: Real, Simbólico e Imaginário. Em linhas gerais, o Real é da ordem do sem sentido, não havendo palavras que o abarque, já que constitui os limites da experiência (JORGE, 2005) e remete ao traumático. O Simbólico é da ordem do duplo sentido, ou seja, da "ambiguidade irreduzível" (p.101), faz parte da linguagem e está imerso na cultura. Ao passo que o Imaginário é da ordem do sentido único, não abrindo espaço para que demais significantes advenham. Estes três registros são unidos pelo *sinthome*, um quarto nó, que faz uma amarração desses registros, a fim de que não haja supremacia por parte de um deles, e envolvendo o objeto "a", que se encontra na sua intersecção. Tudo isso compõe o *nó borromeano*, que pode ser entendido como um modo de constituição do sujeito.

Esta organização permite que o sujeito se apresente como um tecelão, aquele que amarra os três registros. Dessa forma, cada sujeito se define por meio de cada amarração que vai criando, das quais ele vai respondendo, singularmente, ao longo de sua vida. O objeto "a" é o "objeto faltoso por excelência e, por conseguinte, na medida em que o desejo mantém uma relação estrita com a falta, o objeto *a* é o objeto causa do desejo" (JORGE, 2005, p.96). Enquanto objeto causa de desejo, impulsiona o sujeito em seu percurso, como sujeito desejante. Na qualidade de objeto condensador de gozo, prende o sujeito em um único objeto, impedindo-o de deslizar para outros objetos e de lidar com a sua falta estruturante.

O sujeito neurótico, no final do período edípico, rende-se à castração, através de recalque no simbólico, o qual retorna em forma de sintoma. Isto demarca sua castração, constituído como sujeito faltante, que deseja e que busca satisfazer seu desejo por meio dos mais diferentes objetos, porém não há objeto que permita uma satisfação plena. O objeto da satisfação primeva fora para todo sempre perdido e não mais encontrado, esse objeto é chamado por Freud de *das Ding* (a coisa), “que representa o Outro absoluto para o sujeito, que se trata no fundo de reencontrar. Mas esse objeto é, por sua natureza, perdido como tal e jamais será reencontrado” (JORGE,2005, p.141), visto que não havia ainda a linguagem para apreendê-lo no momento do seu encontro com o *infans*, resultando no recalque primário.

No texto *A significação do falo*, Lacan retorna ao complexo de Édipo, teorizado por Freud, para abordar a questão do falo. O falo é um significante “destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante” (LACAN, 1966/1998, p.697), cuja mensagem é emitida através do lugar do Outro.

Como significante, o falo “dá a razão do desejo” (LACAN,1966/1998, p.700), que não é “nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda” (p.698). Por conseguinte, a conjunção do desejo é assinada com a ameaça ou nostalgia da falta-a-ter, posto que o significante fálico é sua marca (LACAN, 1966/1998).

Lacan (1974/2003 apud VIOLA; VORCARO, 2015) faz uso da imagem de furo e do desvelamento para traçar o real em jogo na puberdade. A sexualidade instaura um furo no real. O desvelamento é dado assim que, “na cena privada, o púbis torna-se público, exhibe-se como objeto de uma levantada de véu, ainda que um véu que não mostre nada” (LACAN,1974/2003 apud VIOLA; VORCARO, 2015, p.63). Estabelecendo uma relação entre os três registros de Lacan e a adolescência, é possível apreender que essa fase exige do sujeito uma recomposição, uma reinvenção da sua articulação borromeana. Na qual, o simbólico e o imaginário se articulem, a fim de prover novas amarrações ao real imposto à puberdade.

De acordo com Marinho (2016), esse processo de metamorfose que ocorre no corpo do púbere o encaminha em direção a um estranhamento ao seu próprio corpo. O que lhe permite não se sentir pertencente à estrutura física que carrega, resultando, por vezes, em um sentimento de despersonalização. Um corpo cuja experiência discursiva e libidinal não condizem.

Rubio (2016, p.10) destaca que “nessa contingência do real, e nesse tempo em que a ordem simbólica está enfraquecida, os adolescentes sofrem e correm riscos”. É nesse momento de encontro com o real e na fragilidade de recursos psíquicos simbolizantes, que sobrevém a dimensão do ato no adolescente. Nessa fase, “riscos é o que os adolescentes correm sem medir consequências, em busca de um gozo que é pura ligação com a pulsão de morte” (RUBIO, 2016, p.10).

Lacadée (2011-2012) ressalta que a dimensão do ato possui grande importância na adolescência, uma vez que configura uma tentativa de inscrever, nas crises de identidade que se fazem crises de desejo, a parte de real ligada ao objeto *a*. Isto explica a exacerbação das “passagens ao ato enquanto tentativas de se colocar em relação com o objeto *a* e de se fazer um nome de gozo (toxicômano, delinquente, etc.)” (LACADÉE, 2011-2012, p.257).

Em razão do real da puberdade, o sujeito se encontra exilado de seu corpo de criança, das palavras de sua infância e de sua língua da infância, que se desarticula sem que ele consiga dizer o que lhe sucede (LACADÉE, 2011-2012). Alberti (1999, p.51 apud RINALDI; SOUZA, 2017, p.71) acrescenta que, para enfrentar as questões que se apresentam na ordem de um excesso libidinal, o adolescente apresenta uma “tendência” a agir, que se revelam nas fugas, ingestão de drogas e automutilações. Muitos desses casos são representados em atos,

que recaem sobre o próprio corpo marcados por uma compulsão a uma repetição incessante mobilizada pelo gozo e portando, muitas vezes, um caráter mortífero (RINALDI; SOUZA, 2017).

Os cortes desferidos sobre a própria pele, nas práticas do *cutting*, portanto, podem operar como forma de o sujeito adolescente se localizar pelo viés do ato, “em nome da verdadeira vida” (LACADÉE, 2011-2012, p. 259). A dimensão do ato, na adolescência, segundo Lacadée (2011-2012, p. 259) leva alguns desses sujeitos à pressa em “querer colocar à prova do ato, por meio de certa urgência e até mesmo de certa violência, a dimensão de verdade de seu ser”.

2.2. Considerações sobre os corpos

2.2.1 Construção sócio-histórica sobre os corpos

O corpo não é constituído apenas por seu aparato biológico. Ele é atravessado por uma rede de significantes, resultantes de uma construção social, cujo discurso produz efeitos que o marcam de alguma forma. Desde as antigas civilizações, o modo de tratar e conceber os corpos vêm sofrendo intensas modificações. Apesar de estarem imersos em culturas e momentos históricos diferentes, o que se apresenta como semelhante é a prevalência de um modo de gozo e de apropriação desse canal de comunicação dos sujeitos.

Durante a antiguidade clássica, período de grande destaque da filosofia, bem como do saber, da mente e da razão, o corpo era admitido como um local, do qual a alma fazia uso para ganhar uma dimensão material, dado que “o corpo é o elemento material onde a alma repousa” (GRANDO, 2001, p.63). Logo, o corpo possuía pouca relevância frente à alma e sua imortalidade, bem como à mente e sua formulação de ideias.

Enquanto isso, no período medieval, as imprecisões religiosas, que versavam entre o cristianismo e o paganismo faziam com que o corpo fosse posto em posição maniqueísta. Assim, versava entre “o bem e o mal, entre milagre e pecado, entre desejo e castigo, onde as doenças eram consideradas expiação dos pecados cometidos ou possessões diabólicas” (BLESSMANN, 2004, p.25).

De acordo com Blessmann (2004), o modelo do corpo cartesiano, operante no período renascentista, é marcado pela lógica e pelo cientificismo, no qual perpetua uma nova dualidade: mente e corpo. Neste novo contexto, o material e a ciência atuam em comum acordo, de modo que o segundo impera e domina sobre o primeiro. O corpo concebido pelo sentimento místico e irracional dá lugar ao corpo, cuja razão e a ciência são seus novos condicionantes.

Esse corpo, instaurado pelo renascimento, trouxe a ideia de um corpo-máquina. O que muito agradou ao período de Revolução Industrial do século XVIII, visto que poderia ser manipulado e treinado, podendo tornar-se hábil e produtivo, servindo ao capital.

No momento histórico de uma sociedade pós-industrial, o uso massivo da tecnologia se fez necessário para manter os sujeitos e seus corpos em forte conexão. A intensa disseminação das informações, as quais são rapidamente geradas e tão logo substituídas em tempo recorde, permitiram com que o corpo passasse a sofrer uma nova forma de controle, de dominação. Nela, “surgem redes e imagens destinadas a controlar o cidadão consumidor através da produção de serviços e desejos” (BLESSMANN, 2004, p.25).

Para Feldman; Papalia (2013), a adolescência corresponde a uma passagem no desenvolvimento entre a infância e a vida adulta que estabelece grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. Blessmann (2004) aponta que cada indivíduo forma, aos poucos, uma imagem do seu próprio corpo, por meio de seus sentimentos de revolta ou de aceitação, compartilhados com a imagem cultural que lhe é transmitida. Dessa forma, os adolescentes,

por estarem em um processo de transformação biológica e psíquica, sofrem os efeitos dos discursos propagados pelo social que os rodeia. Exercendo influência sobre a imagem que têm de si mesmos, bem como de seus corpos.

2.2.2. O acontecimento de corpo

A partir da descoberta do inconsciente, a psicanálise desvela a outra instância da constituição subjetiva, a qual busca se revelar através da palavra, que, por sua vez, porta consigo a pulsão incessante em se fazer ouvir. Entretanto, há que se destacar que, em meio a certos determinantes contingenciais, o sujeito não consegue expressar em palavras que se tornem veículo de manifestação do inconsciente, ficando a cabo do corpo fazer falar essa outra cena.

Conforme aponta Bassols (2013), aquilo que é a instância psíquica do Isso, o sujeito do inconsciente, o Isso pulsional proposto por Freud, é, na verdade, aquele que fala, que goza por intermédio do corpo e (não) sabe nada sobre. Por meio dessa interlocução entre o Isso e o corpo falante, há o reconhecimento do sujeito como tal, identificado como Eu. O encontro da linguagem com o corpo promove um atravessamento dos significantes na carne, tendo o gozo como produto dessa união. Um encontro que “mortifica o corpo, mas, também recorta uma parcela da carne cuja palpitação anima todo o universo mental” (MILLER, 2013, p.9). Isso funda, portanto, o chamado acontecimento de corpo para a psicanálise.

O corpo pode ser lido para a psicanálise, como um acontecimento perante o encontro com o significante, e que está associado a um gozo, de tal maneira que “este acontecimento de corpo está associado a um gozo experimentado como desviante em relação a um suposto gozo natural do corpo” (MANDIL, 2014, p. 1). Esta experiência de gozo dada como estando aquém ou além ao que se colocaria como um gozo natural, sendo silencioso, fixo, incessante e que não se reitera. O gozo, de acordo com Mandil (2014, p.5) enquanto produto do acontecimento do corpo, pode orientá-lo sob dois vieses, quais sejam: um efeito de mortificação, que pode estar para “os diversos modos de defesa contra o gozo que aí se inscreveu”; e o vazio, como “aquilo que vivifica, como o que permite conferir uma leveza e uma plasticidade ao saco, ao corpo”. Na medida em que na entrada no simbólico, algo do gozo se perde.

O homem fala através de seu corpo, a partir do gozo permanentemente fixado, um corpo que serve para comunicar algo que a palavra não consegue expressar. O corpo externaliza tudo aquilo que, porventura, as palavras não abarcam, resgatando em ato toda uma via significante. Posto que “um corpo não fala por si mesmo, é preciso que esteja habitado, de alguma forma, pelo que escutamos como o desejo do Outro” (BASSOLS, 2013, p. 23). O corpo fala do lugar daquele que é habitado pelo desejo do Outro, já que o corpo não fala por si mesmo, mas é, antes de tudo, falado pelo Isso. Este sujeito pulsional, cujos significantes que lhe são dados pelo Outro atravessam a carne do sujeito, à medida que é inserido no campo do discurso desse Outro.

O corpo, na adolescência, ganha lugar de destaque, em virtude das inúmeras alterações pelas quais sofre ao longo dessa fase. Isso marca o sujeito, de modo que terá que encontrar novas formas de se haver com esse seu novo envelope pulsional. Conforme destaca Lacadée (2011), nesse período da vida, o corpo inquieta o sujeito em função das suas constantes transformações, sendo também lugar em que o problema da identidade e do gozo indizível se atualizam. O que modula o trato do púbere com seu corpo, resultando em extremos, isto é, desde aos cuidados excessivos aos maus tratos, passando, inclusive, pelo “gozo de marcas corporais, tatuagens e piercings ou nos ferimentos corporais deliberados”, a exemplo das automutilações (CASTRO; LIMA; MELO, 2011, p.39).

Dessa maneira, a pulsão inscrita nesse corpo tende a se agitar em busca da obtenção da satisfação de seu desejo. Esse desejo que é o desejo do desejo do Outro, se apoia nas fantasias construídas pelo sujeito para se manifestar. Alicerçado em suas fantasias, o sujeito produz seus sintomas. Estes, no caso da prática do *cutting*, em adolescentes, conduz o sujeito ao ato de infringir cortes sobre a própria na pele. Prática na qual há uma extração de gozo.

Miller (2016) reitera a teoria lacaniana de que não há gozo do corpo do Outro, mas sim que há gozo do próprio corpo ou gozo de sua fantasia. Ao que Rubio (2016, p.10) acrescenta “das fantasias construídas a partir de significantes que contornam a pulsão nesse encontro com o Outro e que constroem um objeto causa de desejo”.

Na puberdade, há uma “predominância do imaginário e uma dificuldade de simbolização” (ZANOTTI, 2016, p. 03). O jovem, para lidar com o excesso de gozo que irrompe em seu corpo, acaba por fazer uso de algo que faça borda a esse gozo. Assim, ele “pede para ser ouvido em sua dimensão de sofrimento, de apelo, de invenção e de vida” (LACADÉE, 2011, p. 60). À cada vez que se põe como via comunicante, o corpo tropeça em seus sintomas, que se colocam como uma saída possível ao impasse em relação ao gozo. O sintoma faz uso do corpo “lá por onde o Isso fala sem que Eu saiba, dizendo mais do que Eu sei” (BASSOLS, 2013, p. 23).

2.2.3 O corpo: uma via ao inconsciente

A partir dos estudos e tratamentos desenvolvidos com as histéricas, entre os séculos XIX e XX, o neurologista austríaco, Sigmund Freud, compreende que as conversões somáticas que apresentavam não possuíam relação direta com afecções de cunho biológico. À medida que abre espaço para suas pacientes falarem livremente, percebe a participação de um terceiro elemento na cena: o inconsciente. Segundo Alonso (2011, p.107) “ao introduzir o conceito de inconsciente, Freud situa a fala em outro lugar: alguém fala, e, ao fazê-lo, diz mais do que pretendia”.

O inconsciente corresponde à outra cena, trata-se do lugar onde não penso, de onde a consciência e a racionalidade não operam, pois o “sujeito do inconsciente não sabe o que diz e nem sequer o que está falando” (BARTIOTTO, 2014, p. 271). É a partir dessa descoberta que Freud inaugura a Psicanálise, a qual “busca levar o que se acha reprimido na psique ao reconhecimento consciente” (FREUD, 1910/2013, p.263). Esta nova instância busca se apresentar de diferentes maneiras e por várias vias, por meio dos sonhos, atos falhos ou sintoma, sempre sob a égide da meta de satisfação da pulsão, a qual “jamais atua como uma força momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante” (FREUD, 1915/ 2019, p.19).

A pulsão atua como uma força constante situada entre o psíquico e o somático. O estímulo pulsional “não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo” (FREUD, 1915/2019, p.19). Ela possui quatro características que a definem: pressão, meta, objeto e fonte. A pressão está relacionada ao fator motor da pulsão, ao passo que a meta está para a obtenção da satisfação plena. O objeto da pulsão é “aquele junto ao qual, ou através do qual, a pulsão pode alcançar sua meta” (p.25). Ele nem sempre está originalmente ligado à pulsão, “sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação” (p.26-27). A localização somática onde ocorre o estímulo pulsional é classificada como fonte. De acordo com Freud (1915/2019, p.21) a pulsão é destacada por sua “inexpugnabilidade pelas ações de fuga”. Assim, mesmo que possa haver desvios ao seu destino, a pulsão insiste em ser escutada, incansável na sua busca por satisfação.

O sujeito do inconsciente empenha-se em se fazer ouvir. Por meio da associação livre, a regra de ouro da psicanálise, deixar o sujeito falar livremente abre espaço para sua escuta sob a via do significante e não do significado. A tese lacaniana afirma que o inconsciente é

estruturado como uma linguagem construído pelo encadeamento de uma série de significantes. De acordo com Nascimento (2010, p.4) “o sujeito enquanto tal não se manifesta senão no intervalo de S1-S2, isto é, antes de o sentido se constituir, mas depois de um significante ter sido capturado”.

Os significantes com os quais o sujeito responde ao longo de sua vida (S2), são resultado de uma resposta dada aos significantes primordiais (S1), ou significante-mestre, fornecidos pelo Outro materno, no período de constituição do sujeito. Portanto, os S2 formados pelo sujeito não podem ser entendidos como sua forma unilateral de produção, visto que é influenciada pelos S1 que lhe foram oferecidos pelo Outro materno, o qual, no decorrer da trajetória de vida do sujeito, será substituído por outros Outros (NASCIMENTO, 2010).

Para Lacan (1973/2017), duas operações marcam a constituição do sujeito: a alienação e a separação. A alienação condena o sujeito a “aparecer de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como *afânise*” (LACAN, 1973/2017, p.199). Logo, esse primeiro processo marca uma espécie de desaparecimento do sujeito, ao passo que, ao ter seu nascimento no campo do Outro, o sujeito do inconsciente fica à mercê do significante que desenvolve suas redes e sua história, permanecendo em um lugar determinado. Por conseguinte, a alienação aponta o sujeito como efeito do discurso do Outro, também chamado de tesouro dos significantes, ou o Simbólico. Isto demarca o atravessamento da linguagem no sujeito.

A separação sobrevém mediante a instauração da falta, que é encontrada, pelo sujeito, no Outro, mais precisamente no discurso do Outro. De modo que “nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, que é radicalmente destacável- *ele me diz isso, mas o que é que ele quer?*” (LACAN, 1973/2017, p. 203). Neste momento, está instaurada a falta no próprio sujeito infantil, a qual tenderá a ser preenchida por meio da satisfação do desejo. Deste modo, é a partir da separação, que o sujeito caminha em busca de significantes que possam sinalizar quem ele é, na tentativa de ir em direção de seu próprio desejo.

O bebê já é falado pelo par parental, mesmo antes de nascer. É investido no campo do discurso imaginário desse par. Estes, por já estarem imersos na cultura, irão encher o pequeno feto de significados, os quais darão forma ao seu desejo e às suas fantasias. Tal discurso remete o seu desejo à criança que está por nascer.

Fazendo uma releitura do Complexo de Édipo, proposto por Freud, Lacan (1957-1958/1999) o divide em três tempos. Importante destacar, antes de tudo, que pai e mãe, sob uma ótica psicanalítica, representam funções a serem desempenhadas e independe de quem se ocupe dessa função. Tais funções estão inseridas na ordem simbólica, logo podem “materializar-se sob as diversas formas culturais, mas não depende como tal da forma cultural, é uma necessidade da cadeia significante” (LACAN, 1957-1958/1999, p.187). O primeiro tempo ocorre entre a mãe, o bebê e o falo imaginário, lugar que aponta para o desejo do Outro materno. O segundo tempo acontece com a entrada do Nome-do-Pai, na interdição da relação entre a mãe e o bebê. No terceiro tempo, há o declínio do complexo de Édipo, pela ameaça de castração e a fase das identificações da criança.

Durante o primeiro tempo do Édipo, o bebê se identifica specularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. Há a abertura de uma dimensão na qual se inscreve virtualmente o que a mãe deseja em termos objetivos como ser que está inserido no mundo do simbólico. Essa simbolização primordial inaugura para a criança a dimensão do que a mãe pode desejar no plano do imaginário. Lacan (1957-1958/1999, p.198) afirma que “o que a criança busca, como desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, *to be or not to be* o objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1957-1958/1999, p.197). Dessa forma, “para agradar à mãe (...) é necessário e suficiente ser o falo” (p. 198).

O primeiro tempo do Édipo, concerne, para o sujeito, de ser ou não ser o falo no plano imaginário. Em meio a essa situação de escolha, o sujeito participa tanto ativa quanto

passivamente, uma vez que tal processo ocorre no campo do simbólico (LACAN, 1957-1958/1999), do qual o sujeito não tem a possibilidade de exercer controle. Portanto, nesta fase, o bebê se identifica com o falo imaginário, vindo a ocupar o lugar de objeto de desejo da mãe, e esta mãe vem a ocupar, por sua vez, o lugar de o primeiro Outro do sujeito.

Por ser o tesouro dos significantes, inserindo o bebê no campo da linguagem, a mãe, buscando atender às necessidades do bebê, atribuirá significações aos sinais manifestados pela criança. Para isso, é preciso interpretar ao grito do bebê o significado de apelo, transformando o grito de necessidade (algo típico da espécie para sua sobrevivência) em demanda (o que representa passar para o campo da linguagem e receber um significado). Um bom exemplo disso é o choro do bebê: ele poderia ter vários significados, mas, ao atribuir-lhe a qualidade de fome, a mãe surge como o Outro onipotente, o único capaz de satisfazer e suprir as necessidades do bebê, fazendo-o assujeitado aos caprichos dessa mãe, ficando no lugar de objeto dela. Tal relação simbiótica é marcada pela sensação de completude de seus personagens: a mãe teria o falo e o bebê seria o falo dessa mãe, em uma conexão tão forte que não há espaço para desejar para além dessa relação dual.

O *infans*, aquele que ainda não passou pela linguagem, para se tornar um sujeito desejante, necessita que a mãe sinalize que deseja para além dele. Nesse momento, há o advento da metáfora paterna - ou Nome-do-Pai - que vem a dividir o desejo da mãe, apontando que a criança não deve ser tudo para ela. Isto é, o desejo do sujeito materno deve se dirigir para outros objetos. Lacan (1957-1958/1999, p. 197) destaca que “o essencial é que a mãe funde o pai como mediador daquilo que está para além da lei dela e de seu capricho, ou seja, pura e simplesmente, a lei como tal. Trata-se do pai, portanto, como Nome-do-Pai, estreitamente ligado à enunciação da lei”. Assim, tem início o segundo tempo do Édipo.

Lacan (1957-1958/1999, p.199) aponta que, no plano imaginário, há a intervenção efetiva do pai como privador da mãe, demonstrando que “a mãe é dependente de um objeto, que já não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem”. A entrada do Nome-do-Pai na relação mãe-bebê barra o sujeito materno e acaba por marcar a falta no bebê, destituindo-o do lugar de completude à mãe. Esta, por sua vez, não será mais um Outro onipotente, visto que se apresentará castrada para seu filho, respondendo a uma Lei. O que a sinaliza como sujeito faltante.

O resultado desse segundo momento é a saída da criança da condição de objeto e escolha pelo desejo, já que a interdição paterna na relação imaginária de plena completude entre mãe e bebê, faz com que a criança não se perceba mais como detentora daquilo que, imaginariamente, tornara sua mãe preenchida. A entrada do Nome-do-Pai nessa relação instaura a castração no sujeito infantil e, por conseguinte, a dimensão do desejo. Logo, na tentativa de retornar ao lugar de anterior completude ao Outro materno, o sujeito questionará - a nível inconsciente: " O que o Outro quer de mim? O que posso fazer para voltar a ser o objeto do desejo desse Outro?". Aqui está instaurada a separação frente à anterior alienação desse par mãe-bebê e a sua ascensão à sujeito, na condição de sujeito desejante, marcado pela falta.

O terceiro e último tempo do Complexo de Édipo é marcado pela fase das identificações, mas, principalmente, pela passagem do Imaginário para o Simbólico, uma vez que o falo deixa de ser imaginário para ser simbólico. A identificação com o pai ocorre no terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo, o qual é internalizado no sujeito como *Ideal do Eu* (LACAN, 1957-1958/1999). As catexias, ou seja, os investimentos libidinais, são abandonadas e transformadas em identificações. O que, na perspectiva freudiana, faz com que a criança se identifique com o superego do pai, por intermédio de uma interiorização da lei, “que possibilita à criança constituir-se como sujeito” (GARCIA-ROZA, 2007, p.223). A introjeção da autoridade paterna funda o Superego ou Supereu, que está para a internalização das estruturas e padrões socialmente impostos à criança.

Por meio da entrada no Simbólico, a criança passa a ser regida pelas normas e padrões impostos pelo discurso de um Outro social, que impõe barreiras à sua busca por satisfação plena. O resultado desse processo é a repressão dos seus desejos no inconsciente, posto que, caso viessem à consciência, proporcionariam sensação de desprazer, à medida em que entrassem em dissonância com o que lhe foi estipulado. Após o declínio do Édipo, no terceiro tempo, há a canalização da libido para outras vias, que não a sexual, o que faz com que haja o desenvolvimento de novas habilidades e a aquisição de novos conhecimentos. Segundo Freud (1905/1996;1911/1996 apud VIOLA; VORCARO, 2015), simultaneamente à operação da sublimação na aquisição de saberes, a fantasia se fortalece no inconsciente.

Tais desejos reprimidos tenderão a retornar, em vias da obtenção de satisfação, e a adolescência revela-se como uma válvula de escape para o retorno do material recalado. No entanto, há momentos em que as palavras não conseguem achar uma via para sua vazão. Neste cenário, o corpo se apresenta como uma fonte de manifestação dos processos inconscientes, roubando a cena no teatro do psiquismo. Como prova disso, há a histeria na “produção de fenômenos somáticos por ideias” (FREUD, 1893-1895/ 2016, p.304), ou seja, há uma conversão corporal acerca daquilo que o inconsciente tenta externalizar, tomando o corpo como veículo comunicador de sua mensagem.

Ao tratar suas pacientes histéricas, Freud (1910/2013, p.231) percebeu que sofriam de reminiscências, já que os "seus sintomas são resíduos e símbolos mnêmicos de certas vivências (traumáticas)". Esses sintomas correspondiam a um esforço do Eu na defesa de recordações dolorosas, visto que havia uma incompatibilidade entre um desejo inconcebível e o Eu da paciente, que estava moldado pelas reivindicações éticas e morais. A satisfação desse desejo, que promoveria um intenso desprazer, evitado pela repressão, levado ao inconsciente, sendo, portanto, recalado e não trazido à consciência, tratando-se, portanto, de um desejo reprimido. Contudo, o recalado insiste em ser revelado, em romper as barreiras da resistência e se fazer presente na cena em que foi rechaçado, pois "no inconsciente o desejo reprimido continua a existir" (FREUD, 1910/2013, p.246).

Mediante a espera de uma oportunidade de ser resgatado do inconsciente, uma formação substitutiva ao que foi reprimido é acionada, ligada aos mesmos sentimentos de desprazer, do qual acreditava estar imune em decorrência da repressão. Porém, assim como Freud conseguiu comprovar através das suas pacientes histéricas, o não falar faz com que o afeto desemboque no corpo, formando um sintoma, que faz com que o reprimido seja levado à atividade psíquica consciente. Diante disso, o sintoma se portaria, segundo Laurent (2013), como um viés preciso da união das palavras com os corpos, uma vez que, mesmo deformado pela ação dos mecanismos de defesa do Eu, o sintoma porta uma mensagem do inconsciente, que se faz dotada de sofrimento e gozo.

Tal mensagem pode ser composta por inscrições na pele, demarcadas pela prática autolesiva da automutilação. Apesar de se apresentar sob diversas formas, as escarificações cutâneas são a forma mais recorrente de automutilação. Pois, o sangue lançado por esses cortes, tem a função de apaziguar o sofrimento daquele que o produziu (DUNKER, 2017).

Portanto, o corpo, enquanto depositário de cicatrizes, que um dia foram cortes na pele; ou vitrine para cortes recentes, que insistem em demonstrar sua existência; equivale à uma obra de arte, que muito tem a dizer sobre as marcas nele existentes. Segundo Freud (1996), os sintomas portam um sentido, que está relacionado com as experiências vivenciadas pelo paciente. Nesse enredo, autor e obra se confundem em uma trama, cuja interpretação está à mercê do conhecimento da história do seu criador.

2.3. Automutilação no sujeito adolescente

2.3.1. Cutting: um ato de alívio

Segundo Rubio (2016, p. 09) a saída da infância para a puberdade é traumática para o sujeito, de modo que a “construção da adolescência seria uma saída, atravessando as contingências de um real, da mudança do corpo e do encontro com outro sexo”.

A puberdade é marcada pelo despertar das pulsões, agora direcionadas ao corpo do Outro, ainda imerso no processo de formação do *falasser*. É preciso constituir um novo sintoma e uma reorientação da fantasia, a fim de que se possa restabelecer o sentimento de vida, nesse tempo em que o corpo físico se transforma e a imagem corporal deve acompanhar (RUBIO, 2016).

O estatuto do inconsciente compreende o tempo lógico e não o cronológico, que se manifesta na enunciação, não no enunciado. Em seu texto *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* publicado nos *Escritos (1966/1998)*, Lacan faz referência ao sujeito da enunciação no seu trato à modulação do tempo, instaurando-o em três ordens: o instante do olhar, o tempo para compreender e o momento de concluir. Todos marcados por uma subjetivação, que inaugura a singularidade de cada sujeito na entrada de cada tempo.

O instante do olhar corresponde a um instante de entrada do valor instantâneo de uma evidência; o tempo de compreender condiz com um período de elaboração, que “prossegue no sujeito como uma reflexão, na qual essa instância ressurgue para ele [o sujeito] sob o modo subjetivo de um tempo de demora em relação aos outros” (LACAN, 1966/1998, p. 206). O tempo de concluir instaura-se na “urgência do movimento lógico” (p.206). Implicado na antecipação da sua certeza, o sujeito faz uso da singularidade do seu ato de concluir em uma precipitação lógica para aliviar a carga de tensão que o invade. Logo, é na urgência de um tempo lógico e não cronológico, que o sujeito antecipa seu juízo e a saída daquilo que o aflige (LACAN, 1966/1998).

O caráter traumático que é conferido à adolescência está instaurado tanto pelo despertar da sexualidade quanto no estabelecimento de novas fantasias para lidar com as modificações corporais que surgem. É um tempo em que o real se impõe ao sujeito, exigindo dele construções simbólicas que possam fazer borda nessa nova estrutura corporal, que é pulsional e pulsante. Lacadée (2011, p. 64) considera o momento da adolescência como aquele que inclui a dimensão do ato, que se coloca no lugar do que é “impossível de pôr em palavras”. Portanto, ao estabelecer um comparativo aos três tempos de Lacan (1966/1998), é possível perceber que, ao púbere, o tempo de compreender é suprimido. O que culmina em um precipitado momento de concluir.

A angústia surge como um tema amplamente abordado nas obras de Freud e de Lacan, porém nunca esgotado. Freud (1926/2014, p. 88) indica que a angústia é um sinal no Eu, uma reação ao perigo, a qual o Eu o tenta aplacar por meio da formação de “sintomas criados para subtrair o Eu à situação de perigo”. Lacan (1962-1963/2005), por sua vez, corrobora com a concepção freudiana da angústia, apontando que é um sinal no Eu (*moi*), e vai mais além, ao acrescentar que a angústia é um afeto que não engana.

Na adolescência, o jovem é redimensionado da sua posição subjetiva, que o desvincula do lugar infantil que anteriormente ocupava, para um lugar que enseja a vida adulta. Esse redimensionamento de lugar é impulsionado por uma redistribuição de gozo. O que pode ser condicionador de “críticos piques de angústia para o sujeito” (FLESLER, 2012, p. 84).

A puberdade é marcada por um encontro com a falta e com o não saber o que fazer frente ao Outro sexo, questões que se colocam como novas para o sujeito e que, por isso podem ter o caráter de “perigo”. Tal constatação permite considerar essa fase como propulsora à instauração da angústia no sujeito. Pois, na adolescência, “está em jogo o real do corpo” (REZENDE, 2016, p. 17). É presentificado um furo, algo que arrebatava o sujeito, uma coisa nova para a qual ele não tem resposta (REZENDE, 2016).

Barros (2016, p.06), ressalta que “a desestabilização do equilíbrio sintomático construído na infância faz surgir a angústia, na tentativa de escapar da angústia pode se dar a

proliferação de novos sintomas”. Mediante a construção desses sintomas, prevalece a fixação em um modo de gozo perante a precariedade dos recursos fantasmáticos (BARROS, 2016).

As escarificações que o púbere produz em sua própria pele tem a marca de uma função compensatória, como um sintoma que estabiliza a angústia advinda da inconsistência do equilíbrio sintomático construído na infância. Estabelecendo um paralelo com os tempos de Lacan, a conduta compensatória dos cortes pode ser entendida como uma antecipação do momento de concluir ao tempo de compreender, em meio ao instante do olhar. Drieu; Proia-Lelouey; Zanello (2011, p.11) ressaltam que “nessas automutilações, o adolescente parece muito mais procurar projetar suas tensões em seu corpo para dominá-las melhor”.

De acordo com Lacadée (2011, p.85), o corpo serve ao adolescente como via comunicante, uma vez que “a dimensão de gozo do corpo está à frente da cena da adolescência”, fazendo com que os sintomas se apresentem como saídas aos “momentos de impasse ou de confusão”. Os sintomas portam em si uma relação paradoxal, na qual sofrimento e satisfação trilham o mesmo caminho lado a lado (FONTES; MAIA; MEDEIROS, 2012).

A satisfação que constitui o sintoma é oriunda da dimensão do gozo, o qual faz com que o sujeito ame mais seu sintoma do que seu bem estar. O gozo está no campo do desprazer, voltado à repetição, ao excesso; no caso do sintoma, ele alia-se à dor e, envolvendo o sujeito em um círculo repetitivo, permite-lhe extrair uma satisfação paradoxal do seu sintoma. Lacan (1966/2001, p.12 apud RINALDI; SOUZA, 2017, p.72) aponta o gozo como sendo sempre “da ordem da tensão, do forçamento, do gasto, até mesmo da proeza. Há incontestavelmente gozo no nível em que começa a aparecer a dor”.

Lacadée (2011-2012) destaca que, diante do excesso de gozo que invade seu corpo, posicionando-o fora do discurso, o jovem pode optar por uma errância verbal ou física. No caso da automutilação, tamanha errância dada no físico, marca um deslocamento do gozo às ações autolesivas. Dinamarco (2011) afirma que a automutilação pode ser compreendida como uma prática na qual o sujeito provoca lesões físicas contra si mesmo, de maneira intencional e deliberada. O fato de roer as unhas repetidamente, arrancar os próprios cabelos de maneira compulsiva e os cortes infligidos contra a própria pele, *o cutting*, são bons exemplos de automutilações.

Em sujeitos estruturados na neurose, essa prática pode se configurar como uma relação de compromisso perante um conflito existente entre os impulsos autodestrutivos, oriundos da pulsão de morte; e a culpa que invade o Eu submetido a uma rígida censura. Contudo, segundo Menninger (1938, apud DINAMARCO, 2011, p. 20) “não há extinção da culpa, mas sim uma atenuação que permitiria ao sujeito continuar a viver”.

Para Menninger (1938, apud DINAMARCO, 2011, p. 20) no ponto central dos atos autolesivos há um desejo que teve sua satisfação renunciada e a exigência de punição, uma vez que “a automutilação deriva de um desejo sexual não realizado, deslocado e reduzido a outra parte do corpo, que seria então erotizada posteriormente pela automutilação realizada como um ato compulsivo repetitivo e carregado de culpa”. O sentimento de culpa impulsiona a busca por autopunição que, na automutilação, abrange o corpo em suas partes, a exemplo de órgãos, cabelo ou pele (DINAMARCO, 2011).

As inúmeras modificações pelas quais sofre o corpo na puberdade, em um movimento de metamorfose, impulsionam a busca por significações que possam fazer borda em toda a irrupção pulsional emergente. Esse corpo, ao mesmo tempo que sofre com suas transformações também se oferece como via comunicante de seu sofrimento. Ele ocupa seu lugar de fala e se coloca como meio da palavra.

De acordo com Miller (2013, p.09), “o desejo está articulado com o simbólico; ele se solta dos significantes como seus significados; enlouquece a alma especular, anima os

sintomas”. À medida em que se coloca como meio para a fala, o “corpo está no horizonte de toda interpretação e de toda resolução dos problemas do desejo” (MILLER, 2013, p. 10).

De acordo com Le Breton (2010), as marcas corporais que os adolescentes imprimem em sua pele funcionam como forma de exteriorizar algo do caos que os consome interiormente, para que possam vê-lo mais nitidamente. Esse ato porta uma intenção, uma mensagem dirigida ao seu espectador. Uma escrita inscrita como limítrofe ao excesso pulsional que invade o jovem neste período de passagem do sujeito infantil ao sujeito adulto.

O sintoma e a fantasia, em uma relação dual, surgem como um conjunto de coordenadas singulares, incumbidos de promover, ao sujeito, sustentação à sua existência. Uma sustentação na qual sofrimento e satisfação se entrelaçam em meio a um circuito de condutas repetitivas. O sintoma porta uma dimensão de gozo, mas também carrega a função de dirigir uma pergunta ao Outro, embasada na sua verdade construída. No caso dos adolescentes, os vários tipos de sintomas que podem apresentar “alimentam a impotência e, muitas vezes, levam à desesperança” (BARROS, 2016, p.6).

Para Drummond (2016, p. 13), “há para o adolescente, para além da vacilação dos ideais, a angústia diante do surgimento desse gozo estrangeiro ao simbólico”. Ao contrário do sujeito infantil que inventa o inconsciente diante do que escapa ao simbólico, o púbere demonstra que o sexual para o ser falante deve ser sintomatizado, o que demarca a necessidade do sintoma para fazer borda ao furo (DRUMMOND, 2016). Em meio a um sofrimento que não consegue ser abarcado e expresso por meio da palavra, o corte funciona como um deslocamento da dor psíquica. Simultaneamente, estabelece a construção de uma borda corporal, que delimita fronteiras ao corpo, a fim de senti-lo vivificado e presente.

Stevens (2004, apud REZENDE, 2016, p. 17) ressalta que “a adolescência será um arranjo particular com o qual o sujeito vai organizar sua existência, sua relação com o mundo e com o seu gozo, no lugar da relação sexual”. Tão logo se depara com o sangue que esvai de seus cortes, o jovem se vê tomado por uma onda de alívio que aplaca, momentaneamente, o sofrimento decorrente do vacilo dos ideais que sustentavam o sujeito em suas identificações (DUNKER, 2017).

Essa escrita na pele funciona como uma mensagem endereçada ao Outro. Um *acting-out*, que verte em ato parte das pulsões, canalizando-a em prol da satisfação de autopunição do Supereu. O *acting out* pode irromper não só como um modo de aplacar a angústia, mas também como uma forma de atuação e materialização da fantasia. Isto faz com que o corpo adolescente seja o protagonista dessa teatralização do sofrimento, uma vez que o *acting out* é aquele que se coloca em cena e demanda interpretação (LACAN, 1962-63/2005).

2.3.2 Os cortes “em cena”

Segundo Lacan (1976, apud LAURENT, 2013, p. 17), existem três dimensões ao corpo, quais sejam: “um corpo imaginário, um corpo simbólico – é a linguagem – e um corpo real, do qual não se sabe como ele aparece”. Dos quais, para Laurent (2013, p. 17) o “corpo simbólico é a linguagem, o conjunto dos equívocos da língua; o [corpo] imaginário é o que permite nos virarmos, o modelo”.

A dimensão do corpo real está no real do corpo, no qual o real apresenta-se como “a repetição material do mesmo na medida em que é o gozo que se repete” (LAURENT, 2013, p.17). Confere algo que vai na vertente de um fora-do-sentido, que não tem necessidade do sentido, pois lhe é apartado (LAURENT, 2013). Em referência ao que concerne a relação corpo e sintoma, Laurent (2013, p.18) destaca:

O corpo do sujeito histérico é retalhado pelo significante, já que os sintomas histéricos se apresentam sob o modo da perda. O corpo retalhado é aquele que perde seu braço pela paralisia histérica, o corpo que perde sua perna, que perde sua voz. A

esse corpo retalhado se opõe o corpo tórico furado. O corpo como agenciamento do real, do simbólico e do imaginário se apresenta em torno de um ou dois furos, e se mantém sozinho. O corpo tórico é uma representação do corpo do vivo para além do corpo histórico. Nessa perspectiva, pode-se distinguir o sintoma como acontecimento de corpo e o sintoma histórico.

Portanto, o corpo tórico abarca a concepção lacaniana dos três registros, que irão atravessar o corpo em sua constituição, da qual o sintoma está para além de um sinal em um fragmento de sua carne. O sintoma se coloca, pois, enquanto um acontecimento em um corpo no qual há extração de gozo, por meio de uma satisfação paradoxal atrelada ao sofrimento. Nessa perspectiva, Lacan (1976, apud LAURENT, 2013, p.18) propõe, assim, “um inconsciente constituído desse nó entre o imaginário, o simbólico e o real”.

No texto *Inibição, sintoma e angústia (1926/ 2014)*, Freud discorre que o Eu, aquele que “domina tanto o acesso à consciência como a passagem à ação no mundo exterior” (FREUD, 1926/2014, p.25), é a sede da angústia. Algo que é de difícil apreensão, mas que pode ser entendido como “um estado desprazeroso especial, com reações de descarga em trilhas específicas” (p. 73). O Eu faz tentativas de se furtar à angústia e, assim, tende a deslocá-la, dentre outros modos, sob formações sintomáticas (FREUD, 1926/ 2014).

Os sintomas têm “uma função na vida psíquica de inscrever um limite, que na neurose, e apoiado na fantasia, se exerce como impotência” (BARROS, 2016, p.7). O limite produzido se dá pelo viés da impotência, sustentando uma questão por intermédio do pagamento realizado através da carga de sofrimento que o envolve. Os sintomas portam uma dimensão de gozo, mas também possuem a função de “dirigir uma pergunta, de fazer um apelo ao Outro” (BARROS, 2016, p.06).

Na clínica com adolescentes, Barros (2016) destaca que as formações sintomáticas podem ser reduzidas à pura vontade de gozo ou à dimensão de apelo. Neste caso, ambas se relacionam de maneira contrabalaneada. Ao passo que, quando a relevância incide sobre a dimensão de apelo, algo da dimensão do gozo é perdida irremediavelmente; quando se reduz à vontade de gozo, a dimensão de apelo é colocada em último plano, se dissociando da perspectiva sintomática (BARROS, 2016). O corpo tem o status de ser via comunicante à mensagem do sintoma, uma vez que o sintoma está no corpo, se inscreve nele (LAURENT, 2013).

De qual lugar o corpo fala? Do lugar daquele que é habitado pelo desejo do Outro. Isto é, um corpo não fala por si mesmo (a não ser de si mesmo) ele é falado, uma vez que é necessário que esteja habitado, de alguma maneira, pelo que pode ser escutado como desejo do Outro. É o Isso, o sujeito pulsional, que se pronuncia a cada manifestação do corpo em ato (BASSOLS, 2013).

No *Seminário 10: A angústia (1962-1963/2005)*, Lacan atribui o período da adolescência como decisivo à intrincada relação entre a passagem ao ato e ao *acting out*. Tal problemática se deve à certa dimensão de rompimento do sujeito frente ao seu corpo nessa fase. O que pode conduzir a uma reflexão acerca do lugar do ato neste período de transição entre um sujeito infantil para um sujeito adulto.

A passagem ao ato corresponde a um ato não simbolizável, não é endereçado a alguém, porta um “largar de mão” como seu correlato. Retomando a fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$), Lacan (1962-1963/2005, p.129) afirma que “a passagem ao ato está do lado do sujeito na medida em que este parece apagado ao máximo pela barra”. Logo, o sujeito fica preso à identificação com o objeto “a”, que, quando imerso na dimensão do real, assim como acontece nos estados de angústia, fica excluído de qualquer possibilidade de simbolização. No instante da passagem ao ato, o “sujeito se barra” (LACADÉE, 2011, p.48).

Para Lacan (1962-1963/2005, p. 129), o momento da passagem ao ato é aquele de maior embaraço ao sujeito, “com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento”, no qual o sujeito se precipita e despenca fora da cena. No instante da passagem ao ato, “o sujeito se encaminha para evadir da cena”, em um jogo de movimentos manifestos que caracterizam uma “passagem da cena para o mundo” (LACAN, 1962-1963/2005, p.130).

O *acting out*, por sua vez, está no campo daquele que serve como forma de evitar a angústia (LACAN, 1962-1963/2005). Tal afeto compreende, de acordo com a perspectiva freudiana, um sinal no eu (*moi*), que deve alcançar algum ponto do lugar do eu ideal, função pela qual o eu tem sua constituição atravessada por sua série de identificações com certos objetos. Esse sinal que a angústia aponta condiz a um “fenômeno de borda no campo imaginário do eu” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 131).

Essencialmente, o *acting out* se mostra no comportamento do sujeito, portando ênfase na sua orientação para o Outro, pedindo para ser decifrado, em uma demanda de simbolização. Ele é “a mostração, a mostragem velada, sem dúvida, mas não velada em si” (LACAN, 1962-1963/2005, p.138). Por se colocar como um campo aberto para interpretação, na demonstração, para um Outro, de um desejo reprimido, em meio a uma relação transferencial, o *acting out* é um sintoma (LACAN, 1962-1963/2005).

Segundo Quinet (2003, p. 47), "o inconsciente não é pura articulação de significantes. O inconsciente é pulsional". Ao articular o conceito de inconsciente ao conceito de pulsão, o autor correlaciona um dos destinos da pulsão, o recalque, à constituição do inconsciente. Quinet (2003) aborda o sintoma e o *acting out* como duas das modalidades de retorno do recalcado.

Estando no campo da atuação, o *acting out* condiz a uma manifestação pulsional, na qual o repetir tem prevalência sobre o recordar. O *acting out* porta o equivalente a uma confissão do sujeito, cuja dimensão do Outro a todo momento se faz presente. Nela, o sujeito envia ao Outro uma mensagem inconfessa (QUINET, 2003).

Versando acerca do objeto da pulsão no sintoma e no *acting out*, Quinet (2003) declara ser implícito no primeiro, ao passo que, no segundo, é explícito, visto que é trazido à cena pelo sujeito. O objeto “a” no *acting out* é colocado no primeiro plano, "o sujeito vai apresentar o objeto separando-o do Outro como tesouro de significantes ($a \gg A$)" (QUINET, 2003, p.50).

Conforme aponta Lacan (1962-1963/2005), para que a tradução do sintoma possa ser efetivada, há a necessidade de que a transferência se estabeleça. O sintoma, diferentemente do *acting out*, não pede interpretação, já que não está para um apelo ao Outro. Ele é gozo, por natureza, e “se basta” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 140).

Enquanto no sintoma há uma opacidade subjetiva, o *acting out*, em contrapartida, é mostração velada para quem o presencia, porém é visível ao sujeito que o realiza, " pois o essencial que é mostrado é o que cai, o que tomba, o objeto como causa" (QUINET, 2003, p. 50). O *out* do *acting out* corresponde a trazer para a cena o que está fora dela (QUINET, 2003). Isto confere o caráter de teatralização que envolve o *acting out*.

Na puberdade, o corpo e o saber se entrelaçam de maneira estrutural, pelo fato de ser caracterizado como o momento de maior predisposição do sujeito ao ato, formações sintomáticas irrompem como modo de comunicação do adolescente. Em meio ao vislumbre de uma teoria lacaniana da puberdade, Viola; Vorcaro (2015, p.67) afirmam que “na puberdade está em jogo uma operação em que o real da sexualidade se relaciona com o saber”.

A clínica psicanalítica contemporânea aponta que o sintoma na adolescência é formado pelos componentes da “prevalência das respostas em ato- seja na atuação violenta, na manipulação sintomática dos corpos ou nas adições, o mal-estar no contexto escolar [...]; a incidência da classificação diagnóstica” (VIOLA; VORCARO, 2015, p.67).

A manipulação sintomática dos corpos por meio dos cortes sobre a pele, o *cutting*, traduz uma conduta dos jovens de se colocar em risco, como uma forma de solucionar o impasse de habitar com seu corpo um mundo, no qual o Outro não existiria (LACADÉE, 2011). Na puberdade, há a queda do pai imaginário do Édipo e a revelação de S (A barrado), na passagem de um Outro sem Outro, marcado por uma falta (OUVRY, 2017). Portanto, na puberdade, “não há Outro do Outro” (MILLER, 2013, apud OUVRY, 2017, p. 318).

Nesse sentido, o sintoma de se colocar em risco, articulado ao *acting out* protagonizado pelas escarificações sobre a própria pele, ilustram a dimensão do sintoma. O que equivale ao "retorno da verdade como tal na falha de um saber" (LACAN, 1962-1963/2005, apud QUINET, 2003, p.54).

Portanto, longe de ser apenas uma conjuntura natural, o corpo humano, atravessado pela linguagem, exige do sujeito a construção de suportes que deem conta desse corpo. A adolescência surge como um período, no qual o sujeito perde as referências que amparavam seu corpo na infância. O que exige a construção de bordas corporais que sustentem seu corpo, permitindo que o púbere se sinta reconhecido e representado. Nesse lugar de construção, o *cutting* surge como tentativa de situar fronteiras corporais ao que não consegue ser apreendido ao nível da palavra (COSTA,2002).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicanálise aponta que, para além de um composto orgânico, o corpo é um acontecimento dado por meio do atravessamento de significantes que cortam sua carne e permitem a instauração do gozo. À medida que desenvolveu seu trabalho com as históricas, Freud descobriu que o corpo se configura como uma via de acesso ao inconsciente, do qual “Isso” fala e “Isso” goza, cuja manifestação é traduzida pela via do sintoma.

A adolescência é uma construção social, um significante dado pelo Outro social, para designar o momento de travessia do sujeito infantil ao sujeito adulto. Uma fase marcada por inúmeras transformações, dadas tanto à nível psíquico, quanto corporal. As pulsões, que antes estavam voltadas ao próprio corpo do sujeito, agora estão direcionadas aos objetos externos: na busca pelo saber e ao encontro com o Outro sexo. Isto é, o autoerotismo, que antes apontava o próprio corpo como objeto de obtenção de sensações prazerosas, abre espaço para a canalização libidinal para caminhos socialmente aceitos, marca da sublimação. O que não anula, porém, o autoerotismo.

Na puberdade, há o encontro do sujeito com o real. Aquilo que não cessa de não se inscrever mediante o encontro com a falta, com o não saber frente ao Outro sexo e às inúmeras transformações que perfazem a sua estrutura física e psíquica, além do excesso de gozo que irrompe no seu corpo. Todos esses aspectos atrelados à necessidade de elaboração do luto de um corpo infantil que abre espaço para o surgimento de um corpo adulto, exigem do jovem a construção de amarrações que sustentem o seu corpo, bem como suas identificações.

Em função à dificuldade de simbolização, que permita ao púbere colocar em palavras o sofrimento que lhe ocorre, sua maior propensão ao ato toma as rédeas da situação e condutas compensatórias são postas em prática. As formações sintomáticas tomam o corpo como protagonista e via comunicante à fala do sujeito. As automutilações, em forma de cortes na própria carne, o chamado *cutting*, convertem a dor psíquica em marcas na pele, como uma forma de escrita do impossível.

A prática do *cutting* opera como uma conduta compensatória. O jovem faz uso de escarificações na pele como forma de aplacar a angústia que lhe emerge. Essa formação

sintomática, ao mesmo tempo que ameniza a angústia, recompõe e marca a puberdade em seu processo de construção de um novo corpo.

O *cutting* é classificado como *acting out*. Ele se orienta em direção ao Outro e dele demanda interpretação, em meio a uma relação transferencial estabelecida. Ao mesmo tempo em que opera para aliviar a angústia, demanda simbolização. O corpo é colocado como protagonista nesta cena teatral que coloca a vida do adolescente em risco, e cujo enredo está entrelaçado na denúncia de um mal-estar social.

Os cortes promovem um deslocamento da dor psíquica a dor física. Simultaneamente, estabelece a construção de uma borda corporal, que delimita fronteiras corporais ao que não consegue ser apreendido ao nível da palavra. O que permite ao púbere sentir seu corpo vivificado e presente. O gozo, que compõe tanto as automutilações, quanto todo e qualquer sintoma psicanalítico, conduz à repetição da conduta auto lesiva. Extraíndo, em meio a dor, uma satisfação paradoxal, que insere o sujeito em um ciclo repetitivo.

Tomando o corpo como via de acesso à comunicação dos desejos reprimidos no inconsciente, há a possibilidade de se pensar um outro lugar que o corpo ocupe, que não as condutas de risco. Citando como exemplo, é possível pensar um corpo que declama o mal-estar subjetivo por meio da vazão pela via artística. Este falar com o corpo também pode abrir espaço à palavra, em um ambiente aberto à sua escuta. O que desloca a marca repetitiva da atuação para o caminho da elaboração, significação.

A psicanálise contempla os sujeitos no um a um. A partir de suas constituições subjetivas imersas em singularidades referentes ao seu par parental e ao momento sócio-histórico no qual estão inseridos. Em meio à abrangência de questões que podem conduzir o púbere a se colocar em práticas de risco, como as condutas de automutilação, não é possível definir com exatidão a causa que conduz a esses atos. Visto que apenas por meio da escuta atenta e sustentada à cada sujeito há a possibilidade de localizar aquilo que o aflige e o direciona ao ato.

Cabe dizer, por fim, que essa discussão não se encerra neste trabalho. Aqui discutiu-se elementos que possam servir de base à questão da prática de automutilação em adolescentes, o que suscita a necessidade de maior aprofundamento à temática, assim como suas implicações. O uso da psicanálise como procedimento de investigação igualmente se faz necessário, visto que aborda os processos inconscientes subjacentes envolvidos em tais condutas compensatórias. Portanto, o presente trabalho pode fomentar o desenvolvimento de maiores estudos e pesquisas relacionados a essa temática.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Silvia Leonor. A escuta psicanalítica. In.: **___O tempo, a escuta, o feminino: reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo.2011. p.105-114.

BARROS, Maria do Rosário Collier do Rêgo. Saída da infância: encontro com o Outro sexo. **Folha dos Núcleos- Boletim da nova rede CEREDA no Brasil**. n.39.2016.p.4-8.

BARTIJOTTO, Juliana. O desejo e a lei. **Psicanálise & Barroco em revista**. v.12, n.2.2014. p.270-283

BASSOLS, Miquel. Falar com o corpo sem saber. **Textos do VI ENAPOL- Falar com o corpo-A crise das normas e a agitação do Real**.2013. p. 23-25. Disponível em: <<http://www.enapol.com/pt/template.php>>. Acesso em 14 mar.2021.

BLESSMANN, Eliane Jost. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos interdisciplinares do envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, 2004, p. 21-39.

BRASIL, Ministério da Saúde. Portaria nº 188 de 03 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência de Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 2020, ed.24-A, p. 1, 04 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BRETON, David Le. (2010). Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre. ano 16. n. 33, p.25-40.

CALAZANS, Roberto; MARÇAL, Juliana. Os atos do sujeito e a certeza: algumas considerações sobre a clínica psicanalítica na urgência. **Revista aSEPHallus**. Rio de Janeiro. vol.VI. n.12 .2011. p.78-98.

CASTRO, Carla de Figueiredo e Silva;LIMA, Nádia Laguárdia de;MELO,Carolina Marra. A identificação na contemporaneidade: os adolescentes e as redes sociais. **Revista aSEPHallus**. Rio de Janeiro. vol. VI. n.12. 2011. p.16-46.

COSTA, Ana Maria Medeiros da. **“Se fazer” tatuar: traço e escrita das bordas corporais**. 2002. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282002000100006>. Acesso em: 11 abr.2021.

COSTA, Ethyen. Andrade; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; OLIVEIRA, Nathiële Araujo. **Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante**. Tempo Psicanalítico, Rio de Janeiro,2018, v.50. n. 2.p.119-152.Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0101-48382018000200007&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 04.jul.2020.

CHRISTIAN DUNKER I Automutilação, adolescentes e psicanálise I Falando n'isso 80. [S.l.: s. n.], 2017.1 vídeo (6:44 min). Publicado pelo canal Christian Dunker. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ngi_oZVXBWo. Acesso em: 10 jun. 2020.

DIAS,Maria das Graças Leite Villela. **O sintoma: de Freud a Lacan**. Psicologia em Estudo, Maringá, v.11, n.2. 2006.p.399-405. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-73722006000200019&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> . Acesso em: 20.juh.2020.

DINAMARCO, Adriana Vilano. **Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação**. (2011). Dissertação- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DRIEU,Didier;PROIA-LELOUEY,Nadine;ZANELLO,Fabrice. Ataques ao corpo e traumatofilia na adolescência.**Revista Ágora**. vol. XIV. n. 1. Rio de Janeiro: 2011. p. 9-20.

DRUMMOND, Cristina. Em tempos de sexo fluido- a partir das elaborações de François Ansermet. **Textos do VI ENAPOL- Falar com o corpo-A crise das normas e a agitação do Real**.2013. p.11-14. Disponível em: < <http://www.enapol.com/pt/template.php>>. Acesso em: 14 mar.2021.

ELIA, Luciano. Como se constitui o sujeito? In.:___**O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2010. p. 30- 55.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo.**Freud e o inconsciente**.Rio de Janeiro: Jorge Zahar.2007.

FELDMAN, Ruth Duskin;PAPALIA, Diane E. Desenvolvimento Físico e Cognitivo na Adolescência.In.:___ **Desenvolvimento Humano**. Artmed. 12 ed.2013.

FLESLER, Alba. Os tempos da angústia. In.:___**A psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FONTES, Flávio; MAIA, Aline Borba; MEDEIROS, Cynthia Pereira de. **O conceito de sintoma na Psicanálise: uma introdução**. Estilos da Clínica, 2012, vol. 17, n. 1, p. 44-61. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-71282012000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 fev. 2020.

FREUD,Sigmund.O sentido dos sintomas(Conferência XVII).In.: ___**Obras Completas de Sigmund Freud**.Edição brasileira.Rio de Janeiro: Imago.1996.In Vol.XVI.

FREUD, Sigmund.Luto e melancolia (1917). In.:___**Neurose, psicose e perversão (Obras incompletas de Sigmund Freud)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p.99-118.

FREUD, Sigmund. Considerações Teóricas (1856-1939). In.:___**Obras Completas, volume 2: estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer// Sigmund Freud**; tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza. 1a ed. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

FREUD, Sigmund. As cinco lições de Psicanálise (1910). In.:___**Obras completas, volume 9: observações de um caso de neurose obsessiva [" O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909- 1910) / Sigmund Freud**, tradução Paulo César de Souza.1 ed.São Paulo:Companhia das Letras, 2013.p.220-286.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In.:___**Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2014.p.14-123.

FREUD, Sigmund. As pulsões e seus destinos (1915). In:____. **As pulsões e seus destinos (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 2)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1 ed. 2019. p.14-69.

FREUD, Sigmund (1856-1939). **O mal-estar na cultura (1930)**. In: ___ **Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos (Obras incompletas de Sigmund Freud)**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1 ed. 2020. p.305-410.

GRANDO, J. C. As Concepções de Corpo no Brasil a Partir de 30. In: ___ (des)Construção do Corpo. (Org.). Blumenau: EDIFURB, 2001. p. 61-100.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais**. vol.1.2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.

LACAN, Jacques. Passagem ao ato e *acting out*. **O seminário 10: A angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Zahar. 2005. p. 128-145.

LACAN, Jacques. **Escritos (1966)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1973)**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

LACADÉE, Philippe. **O que há de único em cada sujeito**. Paris. 2007.

LACADÉE, Philippe. **O despertar e o exílio ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2011.

LACADÉE, Philippe. A clínica da língua e do ato nos adolescentes. **Responsabilidades**. v.1, n.1. Belo Horizonte. 2011-2012. p.253-268.

LAURENT, Eric. Falar com seu sintoma, falar com seu corpo. **Textos do VI ENAPOL- Falar com o corpo- A crise das normas e a agitação do real**. 2013. p.11-20. Disponível em: < <http://www.enapol.com/pt/template.php>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MANDIL, Ram Avraham. Há um acontecimento de corpo. **Opção Lacaniana online**. ano 5. n.13, 2014, p.01-06.

MARINHO, Raquel. Não existe gente grande. **Folha dos Núcleos (Escola Brasileira de Psicanálise)**. n.39. 2016. p.15-16.

MILLER, Jacques-Alain. Falar com o corpo, **Textos do VI ENAPOL- Falar com o corpo- A crise das normas e a agitação do real**. 2013. p.06-10. Disponível em: < <http://www.enapol.com/pt/template.php>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MILLER, Jacques-Alain. Em direção à adolescência. **Revista Cien Digital**. n.19. 2016, p.19-27. Disponível em: < http://ciendigital.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Cien_Digital_19.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

NASCIMENTO, Marcos Bulcão. Alienação, separação e travessia da fantasia. **Opção lacaniana on line**. ano1. n.1. 2010. p.01-15.

OUVRY, Olivier. A teoria do puberal em Jacques Lacan. **Ágora**. Rio de Janeiro. v. XX n. 2. 2017, p. 311-320.

QUINET, Antonio. A estrutura significante e a pulsão. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.p. 47- 62.

QUINET, Antonio. Que tempo para a análise?.In.:___**As 4+1 condições de análise**. Rio de Janeiro: Zahar.1991.17a reimpressão:2019. p.49-72.

REZENDE, Ana Paula F. O despertar da primavera. **Revista Folha dos Núcleos**. n.39.2016.p.16-19.

RINALDI, Doris Luz; SOUZA, Aline de Oliveira e. O que a clínica do adolescente nos ensina sobre o ato? **Revista Subjetividades**, vol. 17, n. 3, 2017, p. 70-81.

RUBIO, Ceres Leda F. F. A adolescência e seus impasses- quando é preciso uma nova construção sintomática.**Revista Folha dos Núcleos**. n.39.2016.p.08-11.

SOUZA, Aline de Oliveira e;RINALDI, Doris Luz. O que a clínica do adolescente nos ensina sobre o ato? **Revista Subjetividades**, vol. 17, n. 3, 2017, p. 70-81.

UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). **Crianças e adolescentes estão mais expostos à violência doméstica durante a pandemia**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/unicef-criancas-e-adolescentes-estao-mais-expostos-a-violencia-domestica-durante-pandemia/amp/>>. Acesso em: 31.jul.2020.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Ângela Maria Resende. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicologia USP**. vol.26 n.1. São Paulo.2015.

ZANOTTI, Susane Vasconcelos. O adolescente e seus enlaces: considerações sobre o tempo. **Opção lacaniana online**. ano 07. n. 20. 2016. p.01-09. Disponível em:<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/O_adolescente_e_seus_enlaces.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2021.